

Formas de expressão da violência no ambiente escolar

Ana Paula Ferreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: anapferreira9202@gmail.com

Maria de Fátima de Andrade Ferreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: mfatimauesb@hotmail.com

78

Palavras-chave: Violência escolar. Desigualdades sociais. Políticas educacionais. Formação continuada do professor

INTRODUÇÃO

A violência não é um problema novo, nem exclusivo das escolas brasileiras ou do Brasil, é um fenômeno complexo que afeta as sociedades e passou a ser objeto de estudo de pesquisadores, estudiosos de diversas áreas do conhecimento, ocupando espaços de discussão em diversos contextos sociais (família, escola, cidade, política) e presente na sociedade em sua totalidade. As formas que a violência assume, hoje, são diferentes e seria inevitável sua entrada na escola, principalmente, na escola pública. É um “problema social” que acompanha a sociedade e, Minayo (2007, p. 22) cita Krug *et al* (2002, p. 5) para explicar que

A violência, embora possa se manifestar de diferentes formas, pode ser definida numa perspectiva mais ampla como: (...) uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Observamos que a violência se apresenta de diferentes formas, a depender do contexto, da situação e dos atores envolvidos e, por isso, é necessário buscar conceitos para adentrar em situações particulares que ganham forma a depender de como e do local onde ela se desenvolve. A violência escolar é uma dessas particularidades que precisa ser discutida, denunciada e exige estratégias de prevenção no contexto escolar. Resultados de pesquisas realizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO (2019, p. 16) mostram “que todos estão sujeitos a sofrerem violência no âmbito escolar”, mas, as pessoas que se encontram em situações de

Realização:



Apoio:



vulnerabilidade estão mais propensas a se tornarem alvo devido a fatores como a pobreza, status sociais articulados a etnia, deficiências, aparência física, raça/etnia, credo, orientação sexual/identidade de gênero, classe social ou nível educacional. Esses fatores e formas de violência não são exclusivos da escola, mas seus efeitos são significativos e provocam problemas graves que a escola, a família e a sociedade precisam resolver, buscando estratégias de enfrentamento do fenômeno na escola. Sem dúvida, a discussão em torno da violência é complexa pelo fato de envolver diversas questões. Considerar apenas uma variável como causa principal do fenômeno é ignorar a totalidade da sociedade e os diferentes contextos sociais. Nos últimos anos, o aumento da violência na escola tornou-se um tema central nos discursos sociais, escolares e midiáticos. É cada vez mais comum ver atos de barbárie sendo praticados na escola, veiculados nas propagandas, noticiários e programação da TV. Esses episódios promovem debates sobre a violência nas instituições de ensino e envolve diferentes setores da sociedade de modo geral e as tensões aumentam ao tentar enfrentar ou definir as causas do problema. A ampla interpretação do termo é complexa e provoca questionamentos sobre formas de violência manifestadas na escola, como são influenciadas e/ou reproduzidas pelas estruturas sociais e institucionais e como podem ser compreendidas e mitigadas para criar ambiente escolar mais justo, seguro, cidadão. Devido a complexidade do fenômeno e seus desdobramentos na sociedade e escola, neste recorte teórico de uma pesquisa de mestrado em Ensino¹, buscamos mostrar alguns apontamentos sobre o tema e notamos que é preciso compreender essas manifestações e propor estratégias para criação de um ambiente escolar mais justo e seguro. Trata-se de um estudo de natureza teórico, utilizou a pesquisa bibliográfica à luz de Charlot (2002), Abramovay (2002), Bourdieu (1998), Spósito (2001) para tratar de violência na escola, pois, são referenciais que se mostraram consistentes e coerentes com a discussão aqui proposta. Sposito (2001) lembra que, a partir da década de 1970, ocorrem as primeiras pesquisas sobre violência escolar em alguns países da Europa, como Inglaterra, Holanda e França. No Brasil, o tema ganha espaço nas discussões e pesquisas acadêmicas na década de 1980, quando a violência no

¹ Pesquisa de mestrado em ensino, sobre Narrativas de professores/as sobre formas de expressão e o enfrentamento da violência na Escola Municipal Helley Batista, Itapetinga-BA. Programa de Mestrado em Ensino – PPGEn, campus de Vitória da Conquista – BA, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

Realização:



Apoio:



contexto escolar começa a ser analisada como resultado do processo de democratização das escolas. Na década de 1990, na Europa, Charlot pesquisa “A violência na escola e mostra como os sociólogos franceses abordam essa questão”, destacando a complexidade e diversidade da violência e a importância de, inicialmente, distinguir os três tipos de violência existentes:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar conta das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto à violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam – modos de composição da classe, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas [...] (2002, p. 434-435).

As distinções conceituais de Charlot (2002) mostram que a escola não apenas sofre violência, mas também, reproduz. Abramovay (2002) complementa essa visão ao destacar que, apesar do ambiente escolar ser um local de convivência e socialização, um lugar de construção de saberes, é também um ambiente onde se produz/reproduz violência de formas mais diversas. Essas formas de violência, segundo Charlot (2002) e Abramovay (2002), podem ser interpretadas como sintomas de algo que acontece nas relações escolares, mas que não se limita a essas relações, pois, na escola, também acontecem decorrentes de situações sistemáticas de abuso de poder/assédio moral, depredações, agressões físicas, verbais e/ou simbólicas. Para Bourdieu (1998), a violência simbólica nas instituições educacionais é um fenômeno que a escola pode reproduzir desigualdades sociais através de suas práticas e discursos. Essa forma de violência, embora não seja tão visível quanto as agressões físicas, é igualmente impactante, manifestando-se em relações de poder, discriminação de gênero e raça e outros. Ainda segundo Bourdieu (1998, p. 53), a escola muitas vezes opera sob o pretexto de equidade formal, mas na prática protege “os privilégios” em vez de promover uma “transmissão” democrática dos mesmos. Na concepção dos autores supracitados, a realidade nas escolas brasileiras reflete um cenário de aumento significativo de alunos/as e ensino massificado, em um contexto onde o índice

Realização:



Apoio:



de pobreza é elevado e os investimentos educacionais são insuficientes e contribui para que a escola seja vista não apenas como um reflexo das desigualdades sociais, mas também, como um local onde desigualdades são perpetuadas e a exclusão um dos principais fatores de violência. Enfim, essas perspectivas teóricas revelam que a violência escolar é um fenômeno complexo e exige uma abordagem multidimensional, que vá além dos sintomas visíveis e transforme as estruturas sociais e institucionais.

METODOLOGIA

A pesquisa realizou um levantamento bibliográfico para discutir o fenômeno da violência na escola, buscando apoio de Gil (2002) esse tipo de pesquisa como uma análise de material já elaborado a respeito de um mesmo problema, neste caso, da violência na escola. O caráter bibliográfico é o conhecimento das pesquisas já existentes e o diálogo entre autores/as, conceitos e teorias elaboradas sobre o tema/objeto de estudo. Analisou o documento “Violência escolar e Bullying: relatório sobre a situação mundial” (UNESCO, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise bibliográfica revelam que uma complexa rede de fatores contribui para a perpetuação da violência na escola. Ao analisar as expressões "violência na escola", "da escola", "à escola" e violência simbólica foi possível observar uma visão mais ampla e integrada do fenômeno pesquisado. Os achados desta análise sugerem que a violência na escola não pode ser compreendida de forma isolada, mas sim, como parte de um contexto mais amplo de relações sociais e institucionais. As políticas educacionais devem abordar não apenas os sintomas da violência, mas também suas causas estruturais, incluindo a formação continuada de professores, a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e a criação de um ambiente escolar que promova o respeito mútuo e a valorização da diversidade. Além disso, o envolvimento da comunidade escolar e local na construção de soluções é essencial para prevenir e combater a violência.

Realização:



Apoio:



CONCLUSÃO

A violência nas escolas é um reflexo das tensões e desigualdades presentes na sociedade. A partir das distinções conceituais de Charlot (2002), Abramovay (2002), Bourdieu (1998), Sposito (2001) foi possível compreender as múltiplas faces do fenômeno e a necessidade de abordagens multifacetadas para enfrentá-lo. Para combater a violência nas escolas é necessário um esforço conjunto de toda a sociedade, criar políticas educacionais que promovam equidade, valorização dos profissionais da educação e garantia de condições adequadas de infraestrutura e recursos pedagógicos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Violência na escola: América Latina e Caribe** – Brasília: UNESCO, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Francisco Alves Editora S/A: Rio de Janeiro, 1998.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, **Sociologias**, n.8, p.432-443, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KRUG, Etienne. et al. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- SPÓSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, jan./jun., p. 87-103, 2001.
- UNESCO. **Violência escolar e Bullying: relatório sobre a situação mundial**. Tradução Evelyn Petersen. Brasília: UNESCO, 2019.

Realização:



Apoio:

